ONLINE MUSIC MAGAZINE

BACKSTAGE

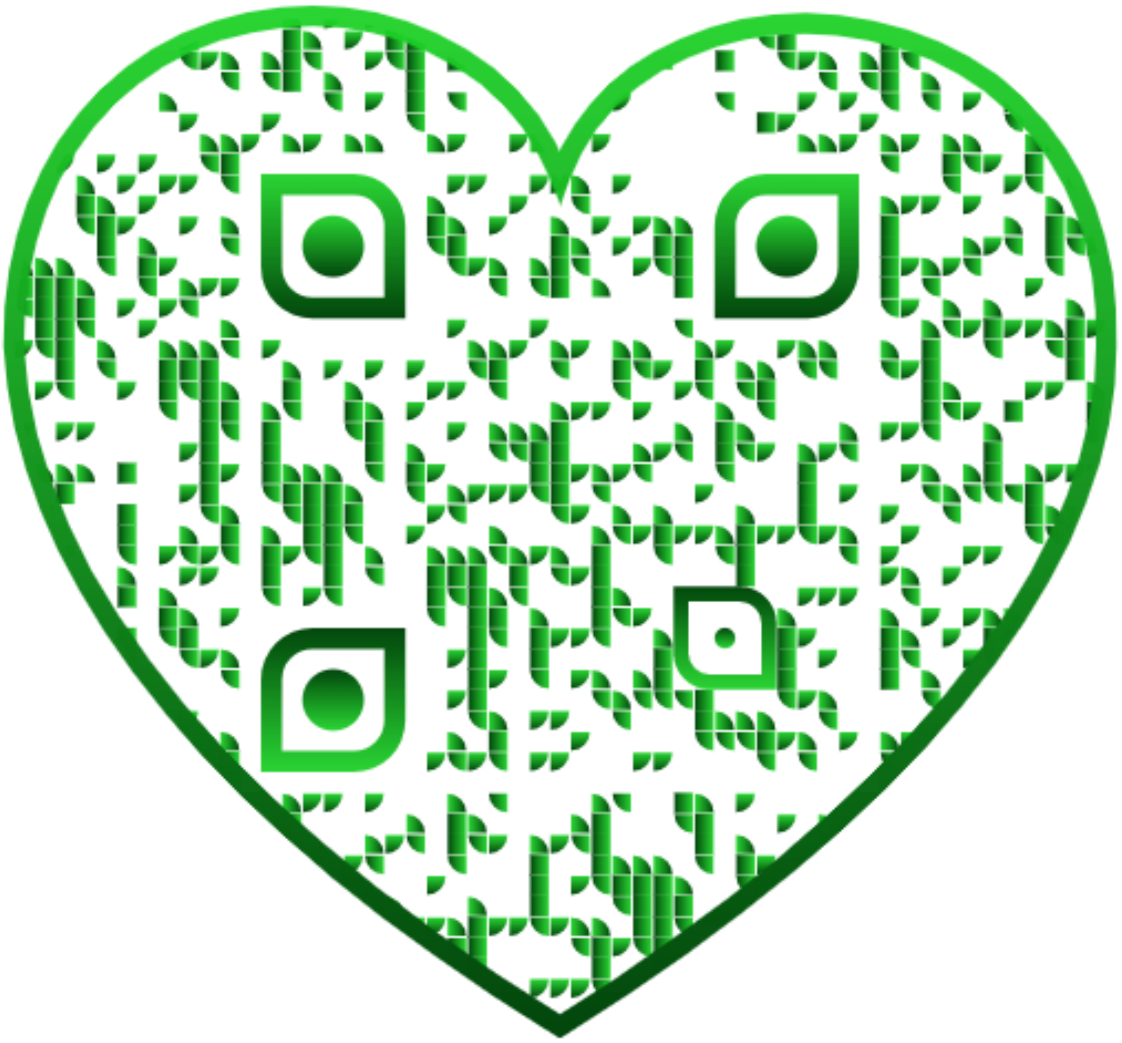
edição #3
novembro/dezembro 2022

MARIA CAROLINA

DIOGO AMARAL

THE CODE
MOBY ISLANDS
DUO TOADAS
TORN FABRIKS

RAFAEL CARVALHO



RAFAEL CARVALHO

É o mais MEDIÁTICO de todos os tocadores de viola da terra. RAFAEL CARVALHO recuperou, o seu primeiro trabalho, "Origens" numa edição especial que nos orgulha a todos. É importante levar este disco além-fronteiras, por todas as razões...

E de repente passaram-se 10 anos. É inevitável questionar que balanço fazes desta década?

O balanço é muito positivo, claro. Muito que se produziu e que tive de compor, mas, acima de tudo, muito que aprendi: com quem aceitou colaborar music-almente comigo, com todos ligados à produção técnica e ainda ao *design*. Só assim consegui chegar a este álbum , "Rafael Carvalho – 10 Anos de Origens".

Cada disco representa certamente uma fase da tua carreira. Qual o mais importante?

Foram todos importantes, por motivos diferentes, mas sempre mantendo um foco e um percurso musical que os liga a todos. No entanto, sem "Origens", em 2012, não teríamos nenhum dos outros.

O DVD incluído neste trabalho surge com que objetivo?

Para assinalar "10 Anos de Origens" temos o CD, com 20 originais meus, mas, ao mesmo tempo, importava ter esta edição especial, com o DVD. Conta o meu percurso, desde a escola primária, na Ribeira Quente, e até à actualidade, com os testemunhos que fui dando, e que vão sendo intercalados com os videoclipes de 13 originais. No entanto, realço que não haveria DVD sem a Palco de Ilusões, do Francisco e Tiago Rosas. Foram eles que tornaram possível a concretização do mesmo, e, tendo em conta a nossa colaboração de muitos anos, ofereceram esse trabalho.

O trabalho de recolha que tens vindo a fazer ao longo dos anos na região faz-te pensar que ainda há muito caminho a percorrer ou nem por isso?

> *"10 Anos de Origens"*

▲Rafael Carvalho

Sim! Estou sempre a aprender e a encontrar coisas novas. Há muita gente, nos Açores e nas nossas Comunidades, com cassetes áudio com conteúdos que precisamos de reaver e digitalizar. Acredito que há ainda muito material de recolhas a ser concretizado e que, quanto mais falarmos da nossa Viola, quanto mais alargarmos a nossa rede de contactos, mais conseguiremos recuperar.

O importante estatuto que a viola da terra tem actualmente, deve-se em muito, ao trabalho que tens desenvolvido. Até onde pretendes levar esta partilha de conhecimentos?

Vou desenvolvendo o meu trabalho, como algumas outras pessoas, na valorização e divulgação da nossa Viola: no ensino, edição de livros e álbuns, na produção de eventos e em acções de sensibilização em escolas. Tudo isto tem tido um fio condutor, é feito com consistência e, por isso, apresento com regularidade novos trabalhos. O futuro passa pela continuidade. Abandonei o ensino público, após 14 anos de contrato na mesma escola, o que acabou por ser inevitável dada a precariedade da situação, mas continuo a dar as minhas aulas de Viola da Terra particularmente, tenho projecto para novos 2 álbuns em 2023, e ainda muitas actividades para produzir.

Em breve, será lançado um disco feito em conjunto com o teu irmão César Carvalho. O que é que nos podes adiantar sobre isso?

"Toadas – da lobeira ao agrião" é o nome escolhido para o primeiro álbum em duo com o meu irmão e retrata, musicalmente, o nosso percurso, desde a infância até ao presente. Desde modas do folclore, do grupo de Violas da Ribeira Quente, passando por música de Júlio Pereira, música Irlandesa, e, também, com 2 originais compostos propositadamente para o álbum. É o trabalho musical que faltava, dada a nossa colaboração musical de mais de 2 décadas.

Onde podem as pessoas encontrar os teus discos?

As pessoas podem contactar-me através da minha página facebook.com/RafaelCarvalhoAcores, mas também estão todos os álbuns disponibilizados no Spotify e outras plataformas digitais.

ENSINO DE VIOLA DA TERRA

O ensino da Viola da Terra é algo a que me tenho dedicado há mais de 2 décadas, iniciado na Escola de Violas da Ribeira Quente e seguindo-se a Academia da Povoação e Escola de Violas da Fajã de Baixo, sendo o Conservatório Regional de Ponta Delgada o último desses projectos. Nos últimos 14 anos, com o trabalho de lecionação, pesquisa, composição, transcrição e adaptação de peças, bem como a exigência da criação, praticamente do zero, de um curso curricular no Conservatório, tive cada vez menos tempo para me dedicar ao ensino "não oficial".

Actualmente, acabei por abandonar o ensino público, tendo em conta a precariedade contratual e falta de valorização desse extenso trabalho, pelo que pude voltar a investir tempo e recursos na revitalização da Escola de Violas da Fajã de Baixo, que já conta com o dobro dos alunos em relação ao passado recente.

O projecto actual passa pelo ensino da nossa Viola da Terra, quer seja por imitação (ensinar de ouvido), ou por partitura, ou outra estratégia de ensino sempre tendo em conta a individualidade de cada aluno, mas tentando alargar o mesmo o máximo possível a diversas faixas etárias, e procurando também colmatar a falta de tocadores que é sentida continuamente nos nossos grupos, principalmente grupos folclóricos.

A curto prazo o objectivo principal foi cumprido, com um curso na Fajã de Baixo já renovado, e que funciona na Sede da Junta de Freguesia. Sem essa incondicional colaboração, do Executivo da Fajã de Baixo, a Escola provavelmente já não existiria.

A médio prazo pretendo poder abrir mais algumas turmas em outras Freguesias, procurando a proximidade com os alunos e instituições de cada local.

Para além disso, também procuro a articulação com os Grupos Folclóricos: quer ao nível de eventuais interessados na aprendizagem, como também ao nível de cooperação com empréstimo de instrumentos musicais, uma vez que há pessoas que querem aprender mas não o fazem por não poderem, inicialmente, investir na aquisição de uma Viola da Terra. Também é um objectivo meu proporcionar cursos de Verão para Emigrantes que nos visitam e que tocam Viola, ou que se deslocassem propositadamente para esse fim, dos vários grupos existentes nas comunidades Açorianas. São já alguns os que procuram algum conhecimento na área ou que pretendem aprofundar conhecimentos quando cá estão de férias. É uma iniciativa que desejo concretizar há muitos anos, até discutida com o anterior e actual Director Regional da Comunidades, mas que nunca foi possível concretizar.

A partir de Janeiro de 2023 gostaria de conseguir concretizar a abertura de mais uma Escola de Violas, e de continuar a replicar os bons exemplos que existem na nossa Ilha, como a Escola de Viola da Relva, Escola de Violas da Fajã de Baixo, e o trabalho que consegui desenvolver no Conservatório e que é do conhecimento geral. De momento, sendo São Miguel a maior e mais populosa Ilha dos Açores, as Escolas de Violas são insuficientes e não conseguem responder ao interesse de aprendizagem que aumentou exponencialmente nos últimos anos.

MARIA CAROLINA

O Teatro Ribeiragrandense recebeu, recentemente, o concerto de Maria Carolina. Esta actuação foi promovida pela Direção Regional dos Assuntos Culturais, no âmbito da Temporada Cultural 2022.

O concerto do Teatro Ribeiragrandense surgiu como?

Foi um convite da Direção Regional dos Assuntos Culturais, no âmbito da Temporada Cultural 2022. Para mim foi uma oportunidade que surgiu na altura certa e que eu aceito com um carinho muito especial.

Preparou algo de especial para essa noite?

Tentei preparar o ambiente e selecionar as músicas que pudessem ser o coração e a expressão deste álbum triplo. Escolhi alguns capítulos capazes de oferecer a mensagem e a experiência que tenciono proporcionar a quem estiver presente. A «metAMORfose» fala do poder do amor como transformação do ser, e conta a minha viagem de alma, como eu conheci o amor através da luz colorida. Continua a ser uma história verídica, contada à luz da minha criatividade, surrealismo e existencialismo poético, marcas impressas que me acompanham a solo, na voz e piano.

Qual tem sido o feedback que tem recebido do trabalho de estreia, tanto a nível regional como nacional ou até mesmo internacional?

A minha música, neste formato independente e intimista, foge ao mercado das massas, mesmo assim, ou talvez também por isso, tem vindo a receber um feedback bastante positivo e de admiração. Tem passado na rádio com frequência. Nas plataformas digitais sei que é ouvida em muitos países. O próprio CD já se encontra nas mãos de muitas pessoas, inclusive, no outro lado do oceano. Continua à venda por mensagem privada nas redes sociais e na La Bamba Bazar Store em Ponta Delgada. No dia do concerto estará à venda no Teatro, com um preço especial.

O trabalho de promoção ao disco vai manter-se?

Sim, muito embora tenha já delineado um próximo disco, o trabalho de promoção deste «metAMORfose» vai manter-se porque na verdade quando chegou às minhas mãos em fevereiro de 2022 eu estava grávida e não pude dar-lhe verdadeiramente a atenção e a promoção merecida, com uma apresentação ao vivo, concertos, etc. Atualmente, considero que o valor do disco mantém-se ou talvez esteja ainda mais enriquecido, devido a todas as circunstâncias mundiais. Espero agora, conseguir recuperar a intenção inicial, de partilhar este meu mundo, musical, poético e energético.

Fale-nos de Mantra Nostrum, do que representa e em que consiste?

Mantra Nostrum é um projeto musical paralelo que eu tenho desenvolvido com o Paulo Bettencourt. É uma fusão de influências e representa para nós mais uma possibilidade de criarmos novos universos musicais. Continuamos em fase de gravação e esperamos quem sabe, para o ano que vem, chegar aos palcos.

THE CODE

Como é que descreves, musicalmente, o novo tema "Voa"?

Foi um tema criado, como todos os outros, com sentimento e paixão pelo que fazemos, a "típica" sonoridade dos CODE e as letras fortes e verdadeiras da Marisa Oliveira.

No que respeita a vídeo?

Sim, o vídeo também saiu no passado dia 24 de novembro. Desta vez, trabalhamos com o incrível Nelson Correia da empresa Intercut Films e estamos muito satisfeitos com o resultado final.

Como surge a possibilidade de o Agir produzir o tema?

Esta oportunidade surgiu através do nosso manager, Francisco Lopes. Estávamos à procura de um novo produtor, pelo simples facto de querermos experimentar algo "diferente" e que fosse fora da nossa zona de conforto. Surgiu o nome AGIR, marcamos umas reuniões onde apresentamos o tema em questão, ele gostou e começamos de imediato a trabalhar.

Acreditam que essa colaboração poderá levar-vos a outros patamares?

Todos os temas que lançamos são sempre na esperança de chegar o mais longe possível e este não será diferente. Claro que, com o "carimbo" AGIR temos uma esperança "extra".

Para nós, é uma honra poder trabalhar com um artista desta dimensão. Quando surgiu a oportunidade, ficamos mesmo muito felizes, e sim, estamos esperançosos de que esta sirva de degrau para o próximo passo.

Que plano promocional têm previsto para o tema?

Estamos pela primeira vez a trabalhar com a "ONE RPM", plataformas online de distribuição de música, com a fulcral ajuda do Nuno Rocha que já teve ligado a grandes empresas da música nacional, como por exemplo a Vidisco.

A gravação e pré-produção foram feitas onde?

As vozes e guitarras foram gravadas em São Miguel, por nós mesmo no nosso estúdio, o resto o Bernardo (AGIR) gravou no seu estúdio.

Chama-se "Voa" e foi lançado recentemente, no mundo virtual. A novidade vem com selo de produção de Agir, artista nacional de reconhecido talento. A Marisa Oliveira escreveu a letra e os restantes membros trataram da música.

MOBY ISLANDS

A estreia aconteceu no Teatro Ribeiragrandense, no passado dia 25 de novembro. Os Moby Island são liderados por Rui Faria, músico com enorme "background" no cenário musical de São Miguel.

Como e com que objetivo surgem os Moby Islands?

Tocar música faz parte da vida do fundador da banda, Rui Faria. Depois de vários projetos de originais e covers, Rui Faria decidiu voltar às origens do Rock, juntando a esta tonalidade musical, a temática da emigração açoriana e do ser açoriano, resultando num estilo musical pouco relacionado com esta temática, mas que achamos que funciona muito bem. Em suma, os Moby Islands surgem da vontade de voltar a tocar originais com temática da nossa Diáspora Açoriana sob o antro do Rock.

Entre consagrados e estreantes, quem são os músicos de M.I.?

Moby Islands tem cinco elementos que juntam idades entre os 15 e os 44 anos. Rui Faria é o vocalista com Ana Cláudia; Eduardo Medeiros é o guitarrista; Miguel Cordeiro o baterista e Pedro Silva no Baixo. Para esta estreia, teremos a presença especial de Cadi (Ricardo Reis).

O vosso nome não deixa de ser curioso. Foi ideia de quem e porquê?

O nome levou algum tempo a definir, pois queríamos que fosse em inglês para que as novas gerações da nossa Diáspora Açoriana pudessem perceber, mas ao mesmo tempo, era nosso objetivo que o nome se pudesse relacionar com os Açores e com a Diáspora Açoriana. Eduardo Medeiros é o responsável pelo nome, aliando "Moby", célebre nome do romance de Herman Melville e onde os açorianos são referenciados como os melhores baleeiros e "Islands" como alusão às ilhas açorianas, quer as nove no Oceano Atlântico, quer as mil ilhas açorianas das nossas comunidades na Diáspora Açoriana.

Como é que definem a vossa sonoridade?

A nossa sonoridade recorda um Rock dos anos 70, mas também algum rock/pop dos anos 80/90 do século XX.

"I'll see you soon" foi o vosso single de avanço. Qual tem sido o feedback?

Tem sido muito melhor do que esperávamos. Partimos para a divulgação do nosso trabalho sem grandes expectativas, mas a verdade é que apesar de ainda não nos termos apresentado ao vivo, os "Moby Islands" já são mais conhecidos do que estávamos à espera e, claro está, muito devido ao nosso single de apresentação, daí que consideramos o feedback excelente, quer na apreciação, mas também na divulgação.

Quantos originais têm prontos?

Temos oito originais, todos eles adaptados especialmente para o concerto do Teatro Ribeiragrandense.

Para além deste concerto, têm outras datas agendadas?

Este ano estaremos na passagem de ano na Ribeira Grande.

DUO TOADAS

CÉSAR E RAFAEL CARVALHO, a mais conhecida dupla musical ligada à viola da terra tem materializado o seu primeiro disco. "TOADAS DA LOBEIRA AO AGRIÃO" é o título da estreia em CD dos irmãos Carvalho, a dupla que mais evidencia a viola de dois corações, dentro e fora da região.

Faltava materializar em disco uma colaboração que dura há muitos anos. Como se sentem com o lançamento deste trabalho?

Sentimo-nos muito felizes! São tantos anos de colaborações e concertos que fazia todo o sentido registarmos em álbum esse percurso. "Toadas, da Lobeira ao Agrião…" é o trabalho musical que estava a faltar. Retrata o nosso percurso desde mais novos: do folclore, grupo de Violas da Ribeira Quente, as Tunas da Universidade, as composições para o Festival Caravela D'Ouro, e as influências musicais da nossa vivência familiar.

A cumplicidade existente entre ambos, facilitou de alguma maneira o trabalho em geral?

Sem dúvida. São tantos anos a tocar juntos que um já adivinha o que o outro vai fazer quando estamos a tocar em palco ou a gravar em estúdio. Mas, para além disso, o respeito mútuo. Esse será o principal segredo para um trabalho credível e responsável.

Como é que foi o processo que envolveu a composição do disco?

Primeiro elencámos as peças que faziam sentido integrar o disco e pensamos em inúmeras colaborações musicais possíveis. Com o passar do tempo, com o desenrolar das gravações e com as peças que já estavam gravadas, fomos definindo um alinhamento e decidindo o que fazia sentido na história musical que queríamos

contar. Ou seja, ainda ficaram de fora várias ideias e possibilidades, quem sabe, para um "Toadas II". De certo modo, foram as músicas originais que levaram mais tempo a serem decididas. "Toadas" acabou por ganhar corpo e a sua estrutura final foi decidida no dia em que gravámos a peça. "No Prédio" foi mais demorado, na sua concepção, pois tínhamos várias ideias de melodia em mente e era uma música de grande importância no contexto do álbum. No dia de gravar, depois da primeira audição, dissiparam-se todas as incertezas: era aquela a melodia que tanto procuráramos.

Quando é que começaram a preparar o álbum?

Em 2021 foi a fase de pré-produção e de decisão das peças a gravar, do nome do álbum, até da capa para o mesmo, que depois veio a ser concretizada pelo Paulo Bettencourt. Em fevereiro de 2022 começámos o trabalho de estúdio que se prolongou até junho. Tivemos muitos atrasos devido à COVID, que foi passando entre nós e familiares e nos obrigou a cancelar algumas sessões.

Falem-nos do trabalho de estúdio e de como decorreram as gravações?

O trabalho de estúdio decorreu com o Luís Xavier (CuboX), nosso conterrâneo e amigo de infância. As gravações decorreram surpreendentemente rápidas: em 4 tardes gravámos Viola da Terra e Violão das 11 faixas. O facto de tocarmos há tantos anos juntos fez com que fosse
possível registar os takes necessários com poucas sessões. Claro que, depois, foi necessário o trabalho incansável do Luís para tornar esses registos mais limpos e coesos. Depois, tivemos então o trabalho de gravação dos músicos convidados: Carolina Constância no Violino, Francisca Xavier na Voz, João Bolarinho na Percussão e Marco Santos no Baixo.

Como e onde podem encontrar o disco à venda?

Podem adquirir o disco connosco, em contacto directo, ou pelas redes sociais: facebook.com/RafaelCarvalhoAcores ou facebook.com/cesar.m.carvalho. O álbum também estará disponível em algumas lojas de São Miguel e, brevemente, nas plataformas digitais.

DIOGO AMARAL

É um dos nomes proeminentes das pistas de dança da região. Com a sapiência e humildade que lhe são reconhecidas, vai conquistando aos poucos um mercado cada vez mais exigente. É, sem dúvida, um exemplo entre os demais...

Comemoras 10 anos de carreira em 2022. Era algo que previas aquando do teu início?

Não, de todo. De início começou com o gosto e interesse pela arte em si. Comecei nas típicas festas de amigos, churrascos e afins. Em 2012 é que surgiu a oportunidade a sério e meti-me de cabeça. Como era de esperar, dei-me mal porque percebi que não entendia nada daquilo e que não era tão fácil como parecia. Depois, comecei a fazer casamentos e fui ganhando alguma experiência em leitura de pista (por ex.). Há cerca de 6/7 anos é que resolvi investir muito do meu tempo (e algum dinheiro) neste mundo para adquirir competências, conhecimento e técnica para tentar singrar na arte em si. Quem me conhece e já viu o meu computador sabe que sou perfecionista nesse aspeto e esforço-me para estar tudo certo para que nada falhe no dia do espetáculo.

Equacionaste desistir alguma vez, por algum motivo, durante esse tempo?

Desistir a sério nunca equacionei, mas houve momentos em que tive que dar prioridade a outros assuntos mais importantes. Cheguei a uma altura em que tinha que acabar a minha licenciatura e tive que deixar o curso de DJ que estava a tirar. Outra situação em que pensei dar um "tempo" foi quando investi muito tempo em casa, no computador para evoluir na área e não aparecerem espetáculos. É um factor desmotivante, mas optei por trabalhar mais ainda para que, quando surgisse a oportunidade, eu estivesse pronto para dar o melhor de mim. Durante algum tempo, tive sempre no meu pensamento a seguinte frase: "Só tens um show por ano? Então que seja o melhor de todos!". Assim obrigava-me a trabalhar imenso para que aquele show fosse inesquecível.

Durante esse período, certamente existiram momentos marcantes. Qual ou quais os mais relevantes?

(A puxar a brasa à minha sardinha) tenho que referir a minha atuação no festival da Povoação em 2018. Sabia que ia ter casa cheia e preparei-me imenso para o efeito. Valeu a pena todo o tempo investido porque no final da noite (pelas 06h), ainda tinha imensa gente no recinto a pedir mais. Lembro-me de

colocar a última música (Frank Sinantra - My Way) e vi muita gente abraçada e a cantar. Aí soube que tinha feito um bom trabalho. Outro momento que me marcou, foi uma noite em São Jorge que actuei depois de uma banda de covers que estava a dar um show daqueles. Percebi que a maioria do público estava ali pela banda e pelo rock e quando entrei, a primeira música que toquei foi Queen - I Want To Break Free. Lembro-me perfeitamente de toda a gente se virar para mim com um olhar perplexo do tipo "Mas este dj está a tocar Queen à 1:30h da manhã??" Porquê? Porque era a onda musical que o público estava a ouvir e quis continuar no mesmo estilo. Começaram a cantar e dou por mim já tenho pessoal na cabine a cantar comigo e a dançar. Foi a questão de saber ler o público e dar o que eles queriam.

Que objectivos ou patamares tens definidos para a tua carreira?

O objetivo maior passa por evoluir em termos de conhecimento, técnica e leitura de pista. Tenho também a ambição de tocar nos maiores festivais da região. Continuo a trabalhar para isso e hei de chegar lá. Estou também a desenvolver um projeto com vídeo para um alter ego/personagem que estou a criar de raiz, com indumentária própria, luzes e fogo de artificio. Tento sempre pensar "outside the box" e procurar cenas novas que me destaquem enquanto dj. Procuro sempre ser diferente para trazer novidades para o nosso público.

Conciliar o djing com a carreira profissional (enfermagem) tem sido fácil?

Por vezes não é fácil. Como trabalho por turnos num serviço muito exigente, não é fácil efetuar trocas para ir a outra ilha, por exemplo. Mas com alguma antecedência, esforço e compreensão dos colegas, consegue-se conciliar as duas coisas. Aproveito para agradecer a todos eles a compreensão, por todas vezes que os chateio para conseguir aquela troca desejada.

ANTOINE C

É uma das maiores referências do Djing regional. A humildade aliada ao profissionalismo, fazem de António Carvalho um dos artistas mais cotados da "dance scene". Conheça um pouco do seu percurso nas linhas que se seguem.

Desde quando o Djing faz parte da tua vida?

Desde muito cedo. Sempre apreciei os Dj's nas passagens de ano, bailes de carnaval nas antigas sociedades recreativas e "retiros" e posteriormente nos festivais.

Primeira ida a uma discoteca?

A primeira vez já tem algum tempo, mas lembro-me de entrar no Mirage e aquilo parecer outro mundo. Nesta "primeira vez" surgiu a confirmação que tinha de ser Dj.

E a primeira vez na cabine?

A cabine em si, pisei por volta dos 22 anos, mas toquei pela primeira vez num baile de escola, com um primo, atual teclista na Banda 8. Depois e nessa mesma noite, comecei a tocar no Parque de Campismo das Furnas onde durante alguns anos, fui animador de festas públicas praticamente todos os fins-de-semana.

Musicalmente, quais são as tuas influências?

Costumo ver-me como um Dj bastante versátil. Como qualquer pessoa, tenho as minhas preferências e inspirações, apesar de muitas vezes não as poder tocar, a não ser no meu estúdio em casa, mas gosto particularmente do estilo House music e do Tech-house. Atualmente também me identifico muito com a onda mais jovem referenciada por Karetus e Kura.

Que artistas e álbuns marcaram a tua adolescência?

Falando do meu gosto pessoal, mais na música eletrónica, tenho algumas coletâneas como o Dance Power ou Dancemania, que me inspiraram, mas também influências do Rock com Xutos & Pontapés, bandas de música electrónica como Vengaboys, Santa Maria, Aqua e por fim bandas hit tipo BackStreet Boys e Spice Girls.

Actualmente, fazes apenas vida do djing. Tem sido fácil?

Apesar de fazer com muito amor, não tem sido fácil, especialmente após a pandemia. Mas temos de correr atrás e batalhar porque não podemos estar parados. Tenho registo profissional da área e tenho honra nisso. O artista regional é tão bom como os restantes de todo o mundo.

O "laço" continua a ser a tua imagem de marca. A coleção já é grande ou nem por isso?

Tenho à volta de 40 Laços e continua a aumentar. Tenho alguns personalizados e outros oferecidos por amigos. Mas sim, o laço do Antoine C é sempre cobiçado.

Qual é o segredo da tua popularidade?

Não sei ao certo, mas acho que acima de tudo a humildade e a versatilidade.

2022 está a ser um bom ano?

Muito bom! Não compareci em festivais, mas toquei o verão todo. Comecei no final de abril e só tive um sábado sem tocar até à data de hoje. Regresso brevemente aos eventos académicos, que me agradam particularmente. Contabilizando, fiz mais de 50 casamentos, presença em algumas ilhas, festas particulares, escolas e ainda estarei em novos espaços até ao final do ano. Por isso o balanço é gratidão!

Perspectivas para 2023?

Prevejo ser mais um ano em grande! Neste momento posso confirmar que já tenho 35 datas fechadas e estou em negociações para um novo projeto cá na Região e o regresso aos grandes palcos também já se encontra agendado.

TORN FABRIKS

Musicalmente, o Thrash continua a ser o vosso elo de ligação. Ainda faz sentido?

Claro que sim! É um género de Metal que nos agrada e faz todo o sentido que seja o nosso elo de ligação.

Sentes que a marca "Torn Fabriks" já faz parte da cena nacional?

O que sinto é que Torn Fabriks tem conseguido o seu espaço na cena nacional, e até internacional. Quando eu e o Jorge iniciámos este projeto, não nos passou sequer pela cabeça ver o nosso som em diversos programas radiofónicos. É preciso não esquecer que a banda tem apenas 2 anos de existência e conta já na sua discografia com um EP ("Mind Consumption" - 2021) e um longa duração ("Impera" - 2022).

Como está a ser recebido este segundo disco?

Temos verificado que 4 meses após o lançamento do "Impera", o álbum tem recebido no geral, um excelente feedback obtendo reviews que nos têm deixado bastante orgulhosos. Por exemplo, no canal de YouTube ***'New Wave of Old School Thrash Metal'*** com cerca de 63.000 subscritores, já obteve mais de 10.000 visualizações e mais de meio milhar de reações positivas. São valores bastante significativos para uma banda que apareceu assim do nada.

A inclusão do baterista Gualter Couto, veio trazer exactamente o quê de novo?

O Gualter tem características técnicas diferentes do nosso ex-baterista (Paulo) e são bem notórias, na audição de ambos os discos. Cada um tem a sua forma de tocar, mas o Gualter elevou a fasquia de "Impera" com a sua técnica e própria sonoridade.

O processo de composição deste trabalho foi feito como?

O método foi exatamente o mesmo do EP. O Jorge apresentou-nos as demos das músicas e depois fomos construindo todo o resto a partir daí. Letras, bateria, etc. Claro que sempre utilizando a partilha de ficheiros. Deixem-me realçar que vivemos a milhares de km's de distância uns dos outros (Reading-UK; São Miguel-Açores; Almada)

E no que respeita à gravação? Para o "Impera"

Contratámos os serviços do produtor Nuno Rua que, por sinal, é guitarrista dos nacionais Simbiose. Cada um de nós gravou a sua parte e depois o Nuno fez a sua magia. Ficámos bastante satisfeitos com o resultado final.

Até onde o trabalho anterior vos levou e que objectivos têm com este?

O trabalho anterior serviu-nos de "cartão de apresentação" na cena Thrash Metal. Obtivemos excelente feedback com ele e deixou uma certa "água na boca" dos metaleiros. Ficaram desejosos de ouvir música nova e não poderíamos deixar de lhes dar mais um set de músicas.

Concertos quer em Portugal continental quer na região?

Um dos nossos objectivos era apresentar grande parte das músicas de ambos os discos, ao vivo. Embora não seja possível anunciar ainda, já temos algumas datas confirmadas para 2023. Portanto, a banda estrear-se-á em território nacional. Esperámos que sejam os primeiros de muitos.

"É preciso não esquecer que a banda tem apenas 2 anos de existência e conta já na sua discografia com um EP ("Mind Consumption" - 2021) e um longa duração ("Impera" -

Ao segundo disco, os TORN FABRIKS voltam a provar que a sua sonoridade continua tão actual, como nos primórdios. RICARDO SANTOS, voz e baixo, fala-nos de "Impera". Ficamos a saber que existem planos para concertos em território nacional, para promover o novo trabalho.

MUSEU DO HEAVY METAL

Foi recentemente lançado o volume dois da coletânea em CD "Azores & Metal". Mário Lino Faria é novamente o principal responsável pelo registo que volta a ter como objectivo primordial, a promoção e divulgação das bandas regionais de heavy Metal.

Que Balanço pode ser feito do primeiro volume desta compilação?

O balanço foi muito bom. Digo bom não na distribuição do registo físico, mas sim pela rodagem sonora e pelo impacto na comunidade heavy metal nacional. Feedbacks tipo "... não imaginava haver tantas bandas nos Açores" e "com esta qualidade, nos últimos anos nada se ouvia das ilhas", são prova disso. O efeito "8 a 80" foi prova de obra feita, e por isso houve a necessidade de dar continuidade.

> ***...em casa de ferreiro, espeto de pau.***

Que feedback foi obtido, especialmente, no meio radiofónico?

Este "Azores & Metal" veio dar uma rodagem nas rádios da especialidade, a uma dimensão nunca antes vista. Semanalmente há pelo menos 2 ou 3 rádios que rodam sempre, sons feitos nos Açores. Isso a nível nacional, o mesmo não posso dizer a nível regional. As nossas rádios ainda são de "visão curta" e só rodam o que é comercial e não o que é cultura ou feito por nós, bem diz o ditado "em casa de ferreiro, espeto de pau".

O segundo volume surge com objetivos idênticos?

O vol#1 foi um cd totalmente promocional e basicamente gratuito, tendo sido colocado em várias lojas de discos e sugeri que o oferecessem como brinde na compra de outros registos do mesmo estilo, por isso ele chegou longe.
Este Vol#2 optei por dar um toque mais profissional e embora a ideologia tenha sido a mesma (promover e difundir as nossas bandas), este cd já teve um encarte mais valorizado, em "digipack" e teve um custo simbólico comparado com o seu formato e valor real. Mas estou convicto que todos compreenderam o seu objetivo.

Em que mercados (nacionais ou internacionais) a nova compilação pode ser encontrada?

Este Vol#2 não tem objetivo comercial, não foi pensado neste sentido, por isso não abordei distribuidoras e apenas foram contactadas poucas lojas internacionais da especialidade. Toda a sua difusão é feita pela Internet, pelas vias do Museu do Heavy Metal Açoriano, e pelos parceiros que se associaram na criação do cd. Tenho a alegria de saber que surgiram pedidos de Espanha, Finlândia, Itália, Holanda, Canadá, EUA, Brasil e México.

Em termos promocionais, o que está a ser feito?

Toda a promoção é feita basicamente pela Internet, com a ajuda das duas dezenas de parceiros que fazem parte do projeto. Muita da divulgação tem vindo de rádios, revistas web e redes sociais ligadas ao movimento heavy metal nacional e internacional.

Estas compilações são, seguramente, a maior investida promocional feita nos últimos anos, com bandas regionais de Heavy Metal. Tem valido a pena?

Claro que tem valido a pena! Andávamos a zeros nos últimos anos e com toda esta promoção em prol dos nossos artistas, o feedback e reações que temos visto, é notória a total diferença para quem se movimenta no meio. O facto de saber que as bandas rodam semanalmente nas muitas rádios nacionais e internacionais, saber que muitos fans de heavy metal comentam entre si a existência das nossas bandas e opinam preferências, são a prova de "serviço prestado".

Como é que as bandas têm recebido esse tipo de iniciativa?

As bandas veem esta iniciativa como único alento ao seu trabalho e forma de mostrar ao mundo o que fazem. Temos muitos bons músicos e sempre em fase de criação, mas não têm actualmente meios de exteriorizar tudo isso. Imaginem o que é ter música guardada meses ou anos e de um momento pro outro veem o seu trabalho ou o seu nome a ser mencionado numa radio fora destas 9 ilhas! É uma sensação de valorização e confiarem no seu trabalho. Não sou musico mas convivo e lido com estes "seres humanos" e seus feelings e digo que eles sentem-se valorizados e muito gratos quando lhes prestigiam. Por outro lado, é um "banho de gelo" quando na sua própria terra são ignorados especialmente, quando veem concertos e festivais às suas portas e não lhes dão uma oportunidade e gastam fortunas a convidar gentes de fora, havendo muito bom valor local. Mas pronto, isso é outra novela que não convém falar.

Tendo em conta a superior importância da Thrash Publishing na década de 90, já equacionou o seu regresso?

Infelizmente esta totalmente fora de questão, a vida pessoal não me dá disponibilidade e por outro lado não tinha vontade para repetir a aventura.

Para terminar, um concerto com os intervenientes é possível?

Esta é uma ideia em vista. Claro que para já com todas as bandas dos cds não é viável, mas as bandas estão sedentas de pisar palco e materializar os sons do cd. Estamos às voltas a ver onde conseguir oportunidade, mas não tem sido possível encontrar eventos que queriam aceitar estas bandas.

-2022-
O ANO EM REVISTA

2022 está a ser o ano da retoma. O ano em que tudo ou quase tudo regressou à também (quase) perfeita normalidade de anos anteriores. Questionamos alguns artistas sobre a importância do ano que está prestes a terminar. O resultado é o que se segue...

DUQUES

Vindo de 2 anos de pandemia que afetaram tudo e todos nas mais diversas áreas, 2022 foi um gradual recomeçar de diversas actividades para os artistas locais. Aspetos positivos; alguns eventos de verão incluírem diversos artistas regionais, a RTP Açores e algumas casas de espetáculos terem promovido os nossos artistas. Aspectos negativos; continuamos com um longo período anual em que não existe nada que faça a promoção dos nossos artistas e a falta de um circuito de sítios e locais de concertos.

LUÍS BARBOSA

2022 foi um ano produtivo em termos de criação. Lancei um novo disco de seu nome "Time Will Bring Us All Together" e, de momento, encontro-me em novas gravações. Quanto a concertos, toquei na Praça Gonçalo Velho Cabral e tive o privilégio de marcar presença na primeira edição do festival Faial da Terra Blues – ambiente muito familiar e que na minha modesta opinião tem pernas para andar. De resto foi um ano fraco, o circuito de concertos é quase inexistente.

DIONÍSIO GARCIA

Foi o ano que marcou os meus 50 anos de carreira e o regresso à minha ilha para o concerto Dionisio Garcia & Friends. Foi também um ano de muitos concertos aqui nos USA e não só. Na minha carreira radiofónica, foi também um ano intenso de trabalho e muita produtividade.

FONTES

2022 foi um ano de muitas estreias e conquistas para FONTES, logo muito positivo. Um álbum de nome "Misto" e videoclipe lançados com apresentação ao vivo num showcase. O videoclipe de "O Limbo" , lançado em 2021, foi selecionado e apresentado no "Imagens do Tejo" - 3ª Mostra de Cinema Português. A nível de concertos de verão, podíamos ter tido um pouco mais, mas

ainda chegamos a tocar nas Noites de Verão da Ribeira Grande. Para finalizar, tive ainda a honra e o prazer de ser convidado a participar no "Cordas World Music Festival" que se realizou na ilha do Pico. Foi um ano muito bom! Esperemos que 2023 seja ainda melhor!

DRAKH

2022 foi um ano marcante para Drakh. Redefinimos a nossa imagem e ajustamos a nossa sonoridade - um novo logo e um som mais pesado. No panorama de metal regional, consideramos que tenha sido um ano de "boa colheita", mais uma vez a demonstrar que o metal açoriano continua de saúde.
Um bem-haja e horns up!

LUÍS COUTO

Aspetos positivos a edição pela Prisma Sonora de "From a Cosmic Childhood" de Flipping Candy e actuação no festival Keroxen em Tenerife com o mesmo projecto. Como aspetos negativos, o imenso material inédito por editar.

SIR.KASMO

Tivemos alguns contratempos que nos fizeram parar a nível de ensaios. Felizmente, acabamos por resolver e recuperar algum tempo perdido. Tivemos a honra de ter partilhado palco com Morbid Death, e ainda temos um single para lançar. O ano ainda não acabou...

ANA CLÁUDIA

Foi dos anos mais positivos ao nível musical. Foi o ano da abertura da cultura, com o regresso dos concertos para podermos finalmente assistir a música ao vivo e dar apoio às nossas bandas.

A nível pessoal, foi um ano excelente, porque tive, o que posso considerar, bastantes concertos, nos diversos projetos, onde matei muitas saudades dos palcos, e onde acabei por abraçar novos desafios.

LUÍS ALBERTO BETTENCOURT

Foi um ano de "bonança" após a tempestade, uma certa recuperação da normalidade com a concretização de alguns apetecidos concertos que deram luz a quem estava na escuridão. A ausência de palcos cobertos, deram origem ao cancelamento de várias propostas que ainda hoje aguardam pela compensação, factor negativo que merece ponderação.

DARK AGE OF RUIN

Dark Age Of Ruin estreou-se com o seu EP intitulado "From Northern Skies" disponível em todas as plataformas digitais.
No entanto sentimo-nos muito mal quanto à guerra que se está a passar. Foi também um ano em que acabamos a pré-produçao do nosso primeiro álbum completo, novidades no próximo ano.

PASSOS PESADOS

Sendo um ano de retoma para a normalização da vida social, digamos que foi quase um recomeço. Onde fizemos alguns espectáculos, não foram tantos como queríamos. Sentimos que as bandas de música original continuam com vida difícil e com pouca aposta da parte das entidades promotoras de concertos e festas. No entanto continuamos a gravar e sempre na luta pela criatividade, mantendo a esperança que dias melhores virão, para a música original que nos Açores se faz.

AZOREAN METAL

2022 foi um ano rico no surgimento de novas bandas. Dá sempre prazer quando anunciamos no segmento "Sumário" do programa “Malta da Pesada” um novo projeto, independentemente do estilo. De realçar, também, que alguns velhos do restelo surgiram com uma nova roupagem, com temas pujantes, o que é sempre interessante e intensificador desta nova onda metaleira, que embora ainda tímida, se vai fazendo manifestar. No que concerne aos aspetos menos bons, nota-se que o heavy metal na região é ainda visto como o “underdog” , ao contrário dos tempos aureos da década de '90 e '00. Devia haver um pouco mais de iguais oportunidades por parte da tutela, para este estilo que outrora dominava e agora não tanto. Como já foi referido 'n vezes no programa: à falta de apoios, têm de ser as próprias bandas a criarem as suas próprias oportunidades de se mostrarem ao público, mesmo com parcos meios.

THE CODE

O balanço de 2022 é super positivo, pois voltamos a fazer o que mais gostamos, que é tocar ao vivo. Fizemos bastantes concertos nas nossas ilhas, fomos pela primeira vez à ilha da Madeira e voltamos aos EUA onde gostamos sempre muito de ir. Sentimos que o público estava com muita vontade de ir a eventos, de aproveitar tudo o que era “normal” antes da pandemia, sentimos também muito carinho e respeito por parte de quem nos ia apoiar. Os aspectos negativos, este ano, foram mesmo só a nível de material técnico, pois como tivemos todos dois anos parados algum material não estava mais em condições para trabalhar, apenas isso.

DRVZKA

Para Drvzka, foi um ano bastante positivo, visto que conseguimos dar o nosso primeiro showcase ao vivo, já que os anteriores foram online. Também já estamos desde o início do ano, a trabalhar no EP e a aumentar repertório para que, no próximo ano, já consigamos fazer um concerto completo. Aspetos negativos, para nós, nada a apontar.

MARIA CAROLINA

O ano de 2022 foi bastante positivo para mim. Lancei o meu primeiro álbum "metAMORfose", tive a oportunidade de divulgá-lo através da impressa escrita, rádio e televisão, assim como, consegui apresentá-lo, em formato de concerto ao vivo em diversas salas de espectáculo. Continua a ser uma dificuldade haver um circuito regional e internacional para atuações e espectáculos já criados.

NUNO CABRAL

Em 2022, pareceu-me ver o renascimento do pseudo-argumento

"romântico" de que os músicos atuam por "amor à música". Não é que o argumento tivesse desaparecido, mas ganhou nova força nos últimos meses. Num ano em que o custo de quase tudo subiu consideravelmente, aos músicos foi pedido que reduzissem o seu cachet. No meu caso pessoal isto traduziu-se numa diminuição significativa do número de atuações. Felizmente ainda há umas raras excepções de entidades e pessoas que, em primeiro lugar, têm a preocupação de conhecer os músicos e o seu trabalho antes de os contratarem e, em segundo lugar, sabem valorizá-los devidamente. Tive poucos concertos este ano, mas trago muito boas memórias de cada um deles. Quero terminar enaltecendo a importância de todos aqueles que continuam a trabalhar arduamente na divulgação das artes e cultura nos Açores.

MORBID DEATH

Dadas as circunstâncias, posso dizer que o ano de 2022 foi um tanto ou quanto positivo para os Morbid Death.
Finalmente foi possível apresentar ao vivo, grande parte de músicas do nosso último trabalho discográfico - OXYGEN.

ALQUIMIA

O balanço de 2022 é bastante positivo.
Tivemos possibilidade de trabalhar em estúdio e aprumar a nossa sonoridade, para além de apostar na construção e produção de novos temas. Conseguimos o lançamento do nosso primeiro original, "Recomeçar", bem como o seu videoclipe. A ter de apontar aspetos negativos, seriam ainda os decorrentes dos efeitos colaterais da pandemia: poucas solicitações para concertos e a maioria em cima da hora, sem hipótese de coordenar com as agendas dos vários elementos da banda. No geral, foi um bom ano e estamos confiantes em relação ao futuro, continuando a apostar forte e a planear estratégias para 2023.

WORLD WIDE METAL RADIO SHOW

Mais do que ir ver um concerto ou ver um programa numa rede social qualquer, é também uma excelente experiência ouvir um programa de rádio e sentir toda a sua magia. Imaginar sobre todas as palavras que o locutor nos diz. Pelo menos é isso que sinto por parte dos meus ouvintes do meu programa. O World Wide Metal tem sido uma experiência muito enriquecedora para a mim em todos os sentidos e sinto que nestes dois anos de programa, tenho feito e muito orgulhosamente muitos contatos com bandas, editoras, distribuidoras e agentes. Inclusive algumas amizades com ídolos meus.
Portanto, 2022 foi um ano em que o programa começou a ter alguma notoriedade, o que me deixa bastante motivado para continuar a divulgar o que de melhor o Hard e o Heavy têm para dar.

ROCK ZONE RADIO SHOW

Bom, no lado positivo, há que destacar, de forma obrigatória aquilo que todos chamamos de regresso à normalidade. Apesar das contingências económicas que assolam o nosso planeta, o regresso das bandas à estrada e assim a possibilidade de termos concertos é sempre um ponto muito positivo.
Pessoalmente, Rock Zone, o meu projeto de rádio tem neste momento lugar em grelhas de duas web-rádios diferentes e tem sido um desafio pessoal, que me satisfaz bastante. Para continuar!
Menos bom, não é difícil. O tempo, ou seja, a falta dele. Estou envolvido na equipa dos Caminhos Metálicos, o que para mim é uma honra, mas por um lado este último ano foi de difícil gestão pessoal.
Profissionalmente sobrou pouco espaço para estar mais ativo nesta equipa, mas também senti que a falta de desafios que me tirem da minha área de conforto também contribuiu para estar mais "parado". Desejo que 2023 seja o ano de portas abertas…. nunca é tarde!